

## MEMÓRIA, IDENTIDADE E TERRITÓRIO: MAPAS AFETIVOS COMO INDICADORES DE HÁBITOS CULTURAIS<sup>1</sup>

Kaian Nóbrega Maryssael Ciasca<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é propor a utilização do conceito de *mapas afetivos* com o intuito de qualificar certos indicadores culturais, normalmente quantitativos, a fim de diagnósticos mais aprofundados dos hábitos culturais de um recorte da população. Para isso é analisada uma experiência de construção desse recurso cartográfico, o ‘Laboratório CEU: Território Novo Mundo’, em diálogo com dados de indicadores culturais já levantados anteriormente em pesquisas de público e de satisfação e bem-estar, realizadas nos últimos anos. Nessa análise é levada em conta a relação entre a memória e o território, e a importância dessa relação na construção da identidade de um indivíduo ou coletivo. Assim, pretende-se debater aqui que, ao se utilizar desses conceitos, a proposição de um mapa afetivo atinge camadas de percepção de hábitos culturais de uma população que melhor abordam a complexidade envolvida no diagnóstico desses hábitos, com o fim de propor políticas públicas de cultura que irão atingir o território em que esta população está localizada. Levando também em consideração que certos diagnósticos, por vezes, não acessam atividades culturais menos consolidadas em camadas da sociedade, devido a processos de legitimação cultural.

**Palavras-chave:** mapas afetivos, indicadores culturais, hábitos culturais, memória, identidade.

No momento de planejar uma política pública, um gestor pode lançar mão de diversos dados de diagnóstico que apontam sobre a realidade social de um país, estado, município ou até bairros específicos. Esses dados podem indicar desde níveis de pobreza e vulnerabilidade social até a quantidade de público que determinado equipamento cultural recebe em um determinado período de tempo. Ou seja, o objetivo dessa abordagem é tentar operacionalizar um conceito abstrato, em termos de números. Assim, dados brutos, após passar por análises, são então considerados indicadores sociais e podem ser utilizados nos momentos de planejamento, implementação e acompanhamento de dada política pública (JANNUZZI, 2001).

Porém, na área da cultura, essas pesquisas são esporádicas e, além disso, diversas vezes, versam sobre assuntos de forma objetiva, mas que, por isso, não atingem ca-

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como conclusão da qualificação em gestão cultural do ‘Curso Sesc de Gestão Cultural’, sob orientação da M<sup>a</sup> Emily Fonseca de Souza, em 12 de maio de 2017.

<sup>2</sup> Midiólogo (UNICAMP). Membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Campinas, eleito pela sociedade civil para o mandato de 2017/18 e Gestor Cultural do Bons Ventos Coworking. E-mail: kaian.ciasca@gmail.com.

madras de aprofundamento nos hábitos culturais, que podem apresentar um diagnóstico de fato de usos de espaços ou atividades nos tempos livres da população, por exemplo. Além do que certos hábitos podem não ser representados nessas pesquisas devido a processos de legitimação cultural. O objetivo desse trabalho, então, é, lançando mão de pesquisas teóricas, analisar e cruzar dados de indicadores já levantados de forma quantitativa, buscando no conceito de mapas afetivos, uma alternativa para levantamento de forma qualitativa de hábitos culturais de certo recorte da população e, assim, apresentar possibilidades aplicáveis de usos dessas plataformas a fim de aprofundar a abordagem e diagnóstico das práticas culturais de nossa sociedade, principalmente para embasamento no momento de se propor – nova ou avaliar – certa política pública de cultura.

### **Indicadores Sociais: conceitos**

Para toda pesquisa que lida com a ideia de indicadores sociais é necessária a definição do termo, seus possíveis usos e, principalmente, os desafios no momento de designar uma nova abordagem a dados estatísticos. Referência no estudo de indicadores, Paulo Jannuzzi (2001, p.15) apresenta o conceito como uma medida em geral quantitativa utilizada para “traduzir em cifras tangíveis e operacionais várias das dimensões relevantes, específicas e dinâmicas da realidade social”. Ou seja, após processo de agregação de valor contextual à estatísticas públicas – que seriam os dados sociais em sua forma bruta – os indicadores quantificam informações que dizem respeito a conceitos sociais abstratos, podendo ser de interesse técnico ou programático, e, dessa forma, tornam-se essenciais para subsidiar a proposição de “planejamento público e formulação de políticas sociais nas diferentes esferas de governo”<sup>3</sup>.

Ao apresentar valioso estudo de conceituação dos indicadores, o pesquisador ainda apresenta algumas classificações a ser levadas em conta, além de propriedades desejáveis na construção de um indicador que seja aplicável em seu objetivo de aferir o conceito em questão. É importante, então, inicialmente apresentar as diferenças, debatidas por Jannuzzi, entre indicadores objetivos e subjetivos: o primeiro deles é trabalhado como classificação referente à ocorrências concretas e dados empíricos construídos a partir das estatísticas públicas; enquanto o segundo se refere à medidas construídas a partir da análise e reflexão dos indivíduos ou especialistas acerca de aspectos da socie-

---

<sup>3</sup> Idem.

dade. Sua classificação também pode ser diferenciada entre indicadores quantitativos ou qualitativos, respectivamente<sup>4</sup>.

Faz-se importante a diferenciação anterior, pois parte da argumentação que será feita se apoia na essencial utilização de indicadores qualitativos quando o tema a ser debatido é a cultura. Debate que introduzo na próxima seção.

### **Indicadores Qualitativos e pesquisas de hábitos culturais**

Os indicadores sociais são de fundamental importância nos processos de formulação, implementação e avaliação de políticas públicas<sup>5</sup>. E quando tratamos de políticas para a área cultural, historicamente, a tentativa de definição dos chamados indicadores culturais representam uma resposta à questões de como a proposição de políticas nessa área contribuem na melhoria da qualidade de vida da população, bem como para o desenvolvimento econômico sustentável (GHEZZI; CATELLI, 2013, p.1).

Diversas iniciativas de pesquisa foram realizadas no sentido de suprir a histórica falta de dados na área cultural. Falta que se torna urgente na análise da evolução das práticas culturais brasileiras. Algumas dessas iniciativas também serão citadas, contextualizadas e utilizadas mais a frente.

Porém, apesar dessas quantificações terem sido fundamentais nas análises que subsidiaram diversas políticas formuladas no país, são necessárias pesquisas qualitativas que fujam da análise exclusivamente econômica e se preocupem mais com dimensões e práticas culturais com um olhar mais atento à sociologia. Dessa forma, elas podem dar conta da complexidade dos hábitos culturais da sociedade brasileira, para os quais números relativos à quantidades de público, por exemplo, não são suficientes. Neste sentido, Ghezzi e Catelli afirmam:

Um ponto de vista mais sociológico abordaria, além da questão econômica, outras dimensões fundamentais da vida cultural, como por exemplo, os aspectos simbólicos, estéticos, éticos, sociais e políticos. O ideal seria combinar diferentes modalidades de estudos e abordagens disciplinares, no intuito de dar conta de todas essas dimensões da vida cultural para então informar a formulação de políticas públicas na área de cultura (GHEZZI; CATELLI, 2003, p.8).

Assim, as autoras também levantam alguns desafios para esses diagnósticos propostos por pesquisas de público quantitativas, a saber: práticas culturais mais amplas do

---

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Idem.

que atividades tradicionalmente realizadas nos equipamentos culturais; complexidade de usos dos próprios equipamentos citados – estar em um equipamento cultural não atesta um uso cultural, por exemplo –; diversidade de padrões culturais e, portanto, diversidades de públicos – sendo necessária a inclusão de determinados setores sociais nos campos de pesquisa, além de atenção a dados etnográficos, que observem o cotidiano desses públicos –; e sistematização na periodicidade das pesquisas, que possam atestar evoluções nos padrões apresentados<sup>6</sup>.

Além disso, é importante apontar que diagnósticos de práticas culturais potencializam a caracterização de demandas e carências de uma parcela da população pesquisada e, conseqüentemente, são essenciais no processo de formulação e avaliação de políticas públicas, trazendo resultados mais abrangentes e tecnicamente mais bem respaldados. Porém, temos de nos atentar que, devido à diferenças conceituais, indicadores objetivos e subjetivos podem não apontar tendências similares, mesmo referidos à uma mesma dimensão social (JANNUZZI, 2001).

### ***Habitus e legitimação cultural***

Mas por que é tão importante pesquisas qualitativas no âmbito dos hábitos culturais da sociedade brasileira? Historicamente as pesquisas sobre o conceito de práticas culturais apresentam as preferências estéticas e dos consumos simbólicos como parte essencial do rito de identificação da vida social (COULANGEON, 2014). Nesse sentido, o autor defende que “a estratificação social das práticas culturais, por sua vez, alimenta um debate recorrente sobre a pertinência das políticas públicas de cultura”<sup>7</sup>.

Referência no estudo de práticas culturais, Bourdieu (1980 Apud COULANGEON, 2014) apresenta o conceito de *habitus*, a saber: as características sociais do meio em que um indivíduo vive – como a origem familiar, educação e posição socioeconômica – são refletidas pelo conjunto das estruturas de percepção e de ação nos diversos estágios da socialização. Dessa forma, é necessário para esse debate levar em consideração que o conceito de *habitus* também representa a interiorização de valores e normas sociais, e, sendo assim, é uma dimensão de estudo que pode ser utilizada na análise tanto individual como de um grupo. Ao passo que o processo de incorporação subjetiva de

---

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Idem, vide p.19.

estruturas objetivas, reproduzido através da rotina, não pertence ao domínio do indivíduo, referindo-se dessa forma a uma classe (GHEZZI; CATELLI, 2013).

Além disso, os hábitos culturais não só são socialmente diferenciados como, historicamente, são *socialmente hierarquizados*, levando-se em conta que o processo de identificação social compreende tanto práticas de rotina do contexto em que se está inserido, como ‘aversão’ à preferências estéticas relacionadas a outros grupos sociais. Portanto, as práticas culturais de um indivíduo estão intrinsicamente associadas com a posição de uma classe social. Nesse sentido, diversas formas de ‘dominação simbólica’ ocorrem devido a compreensão de uma hierarquia de gostos e práticas, baseada na interiorização de uma ordem de legitimidade das preferências culturais (COULANGEON, 2014). O autor ainda defende que, ao debater a proposição de políticas públicas, é necessário identificar os caminhos de uma proposta levando em consideração o fato de que são diferentes as ideias de democratização e democracia cultural. Isto é: a primeira, ao defender tornar acessível devidas obras da humanidade ao maior número de indivíduos, pode enfatizar um processo de ‘arbitrário cultural’ ao considerar uma cultura concebida como universal; enquanto que a democracia cultural, focada no desenvolvimento de identidades locais ou regionais, das culturas minoritárias e das tradições populares, permite que os indivíduos tenham acesso a condições de cultivar sua capacidade de inventar e de criar, assim como, de expressar livremente seus talentos. Ou seja, as pesquisas de hábitos e indicadores podem, dessa forma, demonstrar em que momentos uma ou outra política pode ser interesse de direcionamento, pois, apesar de abordagens diferentes, ambas as ideias (democratização ou democracia cultural), têm um objetivo em comum<sup>8</sup>.

### **Mapas Afetivos**

Segundo a geógrafa Salate Kosel, o objetivo das representações na geografia é “entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por experiências, temporal, espacial e social” (2013, p. 66). Definição que aponta a relação com padrões sociais e identitários em qualquer representação geográfica que for realizada, caso dos mapas. Porém, a autora defende, devido a sua conotação cientificista de “verdade”, ou representação do “real”, historicamente os mapas sempre foram utilizados como instrumentos de dominação e manipulação. Segundo

---

<sup>8</sup> Idem.

Ana Paula do Val (2013, p.129) esses elementos de dominação dos considerados mapas oficiais “constituem uma visão de mundo hegemônico e autoritário, realizado pelos jogos das relações de poder e violência do Estado-Capital opressor – mapas do poder e da exclusão”. Sendo assim, ao buscar instrumentos de representação que expressem diagnósticos de localização de expressões e hábitos culturais, é necessário levar em consideração os apontamentos anteriores para devido questionamento aos padrões pré-estabelecidos da hierarquia de gostos e práticas culturais, definida anteriormente nesse artigo.

Apresenta-se, então, o conceito de *mapas afetivos*, que objetivam representar como se revelam determinadas lembranças de algum indivíduo relacionadas a um local, evidenciando seus lugares da memória<sup>9</sup>, como pontos que mais marcam uma pessoa na cidade, em seu cotidiano (VETTORASSI, 2014). Dessa forma, conseguimos apontar nessa representação os processos que envolvem a construção identitária dos entrevistados.

Segundo Michael Pollack (1992), são constitutivos da nossa memória os *acontecimentos vividos*, sejam pessoalmente ou “vividos por tabela”, ou seja, aqueles vividos por um grupo ao qual a pessoa se sente pertencer. A memória, então, deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, de forma que é, em parte, herdada, não se referindo apenas a vida física da pessoa. E sendo assim, é um fenômeno “construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (p.201).

Ao levar em consideração que o sentimento de identidade, construído ao longo da vida de uma pessoa, é a imagem que ela constrói de si para si, para acreditar na sua própria representação, e também como se apresenta para os outros, para ser percebida da maneira como quer ser percebida, Pollack conclui que: “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”<sup>10</sup>.

Nesse sentido, os lugares da memória são pontos de referência que, além de elementos estruturantes da nossa memória individual, também se inserem na memória da coletividade a que pertencemos (VETTORASSI, 2014). Além disso, Kosel (2013,

---

<sup>9</sup> Utilizo aqui o termo ‘lugares da memória’ como Pollack (1992, p.202) o utiliza em seu artigo ‘Memória e Identidade Social’, referente a “lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”.

<sup>10</sup> Idem, vide p.204.

p.64) também ressalta que, ao criar uma representação do mundo, estabelece-se sentidos que “expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado”.

Um exemplo no qual conseguimos perceber a utilização dos conceitos anteriormente apresentados, o Liquid Media Laab criou, em 2014, o projeto “Mapas Afetivos”: uma narrativa transmídia<sup>11</sup>, que, através de depoimentos sobre os locais preferidos de alguns habitantes da cidade de São Paulo, conta a história dessas pessoas, a partir desses lugares (MAPAS, 2017). Em algumas das histórias encontradas no site, por exemplo, termos que indicam a posse de espaços considerados públicos são utilizados para referenciar certos lugares como: “ué, cadê a *minha* calçada?” – ao se referir a mudança da calçada da Paulista –, “*meu* bairro” ou até “bem ali, na *minha* 9 de julho” (MAPAS, 2017). Nesses casos, a utilização desses termos denota menos uma apropriação excludente e individualista dos espaços, mas sim o sentimento de pertencimento aos mesmos, ao demonstrar a construção de lugares simbólicos, onde as lembranças se recriam constantemente e revelam as marcas que mais afetam e afetaram a vida desses entrevistados (VETTORASSI, 2014).

Seguindo na análise desses conceitos podemos, então, buscar relações entre a memória e a construção de uma identidade individual e coletiva, a partir de contatos relembrados com territórios citados e, ao cruzar com dados quantitativos de pesquisas, propor a qualificação de algumas abordagens a certos indicadores que apontem para os hábitos culturais desses indivíduos e, conseqüentemente, de seus coletivos sociais, atingindo camadas de profundidade à análise objetiva dos dados.

### **Cruzamento de dados e o caso “Laboratório CEU: Território Novo Mundo”**

A cidade hoje tem papel essencial na forma como nos aproximamos de iniciativas culturais, legitimando a convivência social, como um território de encontros e trocas, desde instituições formais como outros espaços legítimos de convívio, como praças e parques, dentre outros locais que concentram atividades e manifestações culturais (RIBEIRO, 2014). Além disso, antes de ir aos dados, é interessante salientar que as pesquisas também demonstram que a relação entre o espaço urbano e o uso do tempo livre, apesar de apresentarem padrões claros, não direcionam à uma preocupação política com

---

<sup>11</sup> Conteúdo que se sobressai a mais de uma mídia, ou seja, conteúdo realizado para meios diferentes que se complementam na narrativa (WIKIPEDIA, 2017).



a “organização espacial que leve em consideração a localização de espaços públicos que permita fruição e produção cultural” (INSTITUTO, 2010, p.4).

O primeiro dado a ser levado em consideração é o fato de que, através de respostas espontâneas (sem delimitação prévia das possibilidades), os parques são os espaços culturais mais frequentados pelos moradores da cidade de São Paulo, citados por 20% das respostas levantadas na pesquisa “Cultura SP: Hábitos culturais dos paulistas”<sup>12</sup>, realizada em 2014 (LEIVA, 2014). Podemos, então, relacionar o dado anterior com a pesquisa de hábitos culturais “Públicos de Cultura” realizada pelo Sesc<sup>13</sup>, em 2013, na qual os parques são espontaneamente citados como locais em que os moradores e moradoras de São Paulo frequentam nos fins de semana quando querem realizar alguma atividade cultural por 12% dos entrevistados. Esses espaços se mostram também nessa pesquisa como o local mais frequentado por eles, enquanto que as praças são citados por 3% dos entrevistados. Quando os dados são relativos aos dias de semana, apenas 1% das respostas cita os parques como locais frequentados e 0% citam as praças. Nos dias de semana, os shopping centers são os locais mais frequentados por paulistas, citado em 2% das respostas. Porém, é importante atentar ao fato de que 46% dos moradores de São Paulo entrevistados diz não realizar atividades culturais nem durante, nem nos finais de semana, seja por falta de tempo ou oportunidade (SERVIÇO, 2017).

Outro ponto a ser levado em consideração é o nível de satisfação dos moradores da cidade de São Paulo, aferidos pela pesquisa IRBEM<sup>14</sup>, quanto ao tempo de espera no ponto de ônibus e o tempo de deslocamento na cidade – 4,1 e 3,8, respectivamente – de onde vemos a importância da proximidade de espaços de atividade cultural no momento da escolha do local a ser frequentado (REDE, 2017).

Parte dos dados de satisfação da população e indicadores sociais já orientam a implementação de certas políticas dependendo das prioridades de um ou outro governante e, por isso, é importante apresentar um exemplo de um processo já encaminhado no qual a realização de um mapa afetivo orientou o planejamento público.

---

<sup>12</sup> A pesquisa foi realizada pela JLeiva Cultura & Esporte e Instituto Datafolha, em 21 cidades no estado de São Paulo, com quase 8 mil entrevistados, no ano de 2014 (LEIVA, 2014).

<sup>13</sup> A pesquisa foi realizada em survey, com amostragem de 2400 entrevistas, com distribuição geográfica de 139 municípios, divididos em 25 estados do país, realizada pela Serviço Social do Comércio (Sesc) e a fundação Perseu Abramo (SERVIÇO, 2017).

<sup>14</sup> Realizada pela Rede Nossa São Paulo, a pesquisa foi feita em forma de consulta pública, com mais de 36 mil respostas, que apontaram a satisfação com a cidade de São Paulo, quanto a 25 temas (REDE, 2017).



Desde 2002 foram criados na cidade de São Paulo os Centros Educacionais Unificados (CEU), como espaços de integração entre os programas educacionais de certa região. A gestão de Fernando Haddad, então, ao planejar a implementação de 20 novas unidades desses equipamentos ampliou o conceito original e propôs a integração com outros equipamentos públicos de um bairro além de programas educacionais, configurando os Territórios CEU (GESTÃOOURBANASP, 2017b). A proposta compreendia então no diagnóstico das forças e fluxos culturais locais, promovendo sua integração com a Rede de Equipamentos Públicos para garantir “acesso seguro da população, especialmente das crianças e adolescentes, ao espaço da cidade, consolidando São Paulo como uma Cidade Educadora” (GESTÃOOURBANASP, 2017a). Também nos é apresentado no site anterior o fluxograma do processo de criação de um Território CEU<sup>15</sup>, no qual vemos que, após levantamento de demandas e seleção do terreno em bairros com altos índices de vulnerabilidade social – apontado por indicadores sociais – a proposta se divide entre o desenvolvimento do projeto e a ativação do território, que aconteciam paralelamente e compreendeu: realização de oficinas com os governos locais para apresentação das propostas; oficinas de desenvolvimento das metodologias de diagnóstico e implementação; e as oficinas participativas com os moradores locais para discutir os territórios em que vivem, das quais a oficina piloto foi a ‘Laboratório CEU: Território Novo Mundo’<sup>16</sup>.

A oficina piloto foi realizada pelo coletivo LABMOVE e pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU), em parceria com várias outras secretarias municipais, como a de Educação, de Cultura, de Direitos Humanos e Cidadania, entre outras, no ano de 2014, de forma a descobrir e mapear desejos, intenções e expectativas dos moradores do região da Vila Maria e do Novo Mundo quanto a implementação do CEU Novo Mundo (LABMOVE, 2017). Esses encontros tinham como objetivo, a partir da escuta dos participantes, estabelecer os itinerários, equipamentos de maior frequência, atividades de preferência, oferta de atividades para o tempo livre e as expectativas em relação ao CEU<sup>17</sup>. A consequência desses depoimentos, feito por moradores de várias faixas etárias, foi a realização de um mapa com essas informações, considerado um mapa afetivo por quem o confeccionou, como podemos ver na figura 1.

---

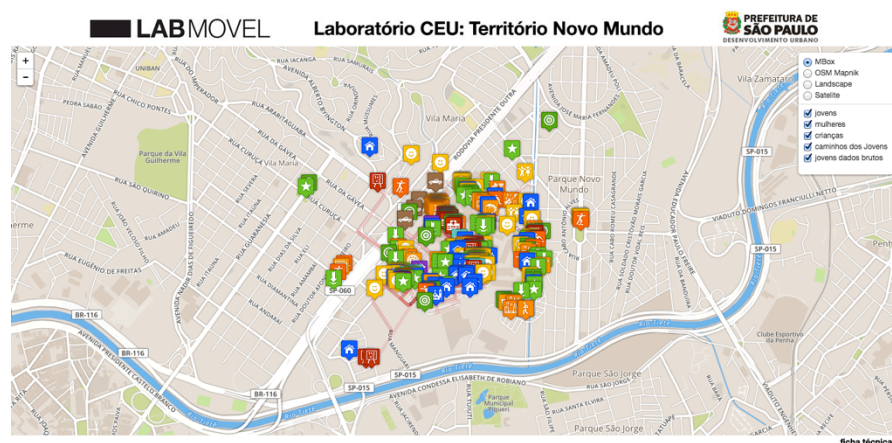
<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Idem.

O pontos assinalados nos mapas mostram os locais indicados como frequentados pelos habitantes da região, separados por faixa etária. Mas além disso, em vermelho, podemos ver as linhas que determinam o maior fluxo cotidiano dos jovens. Em comparação com o mapa de equipamentos encontrado na plataforma SPCultura<sup>18</sup>, a diferença é muito grande nos apontamentos. Enquanto na plataforma colaborativa, o raio demarcado que abrange essas regiões mostra 12 equipamentos culturais, difusos pela região, o mapa afetivo mostra uma centralização das atividades em torno do *campo da Cometa* e do local indicado para a construção do Território CEU Novo Mundo. E não há convergência entre esses equipamentos: nenhum dos já demarcados na plataforma foi citado na construção do mapa pelos moradores e nem esses equipamentos citados estão na plataforma.

**Figura 1: Mapa afetivo resultado do Laboratório CEU: Território Novo Mundo**



**Fonte:** Laboratório CEU: Território Novo Mundo – LABMOVEL, 2017

Então, de forma prática, esse inventário assinalado no mapa realizado pelo LABMOVEL, orientou o planejamento dos caminhos de conexão da Rede de Equipamentos, apresentado na figura 2, em amarelo, que seguem os padrões dos itinerários e da localização dos hábitos culturais dos moradores locais, mais claramente apresentado na figura 3, que mostra apenas os caminhos indicados pelos jovens da região. E além disso, foi feito um levantamento de práticas desejadas por esses entrevistados que podem ser utilizadas no momento da instalação do equipamento, para orientar a programação do espaço.

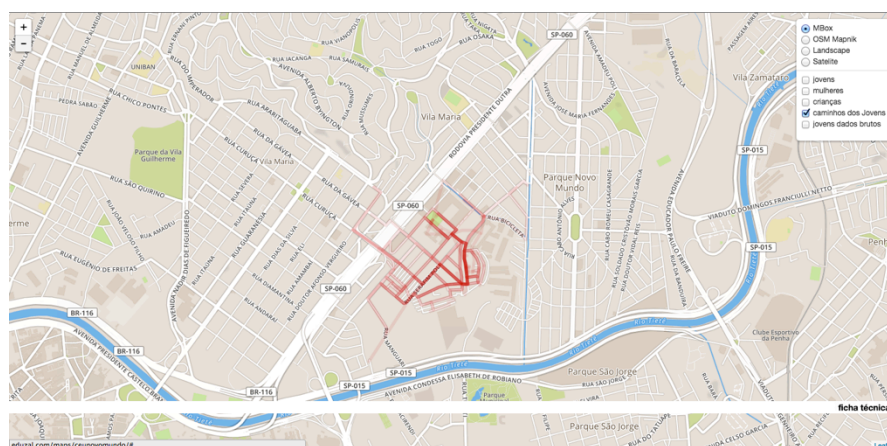
<sup>18</sup> O SPCultura é uma plataforma livre, gratuita e colaborativa da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo para mapeamento de equipamentos, agentes, eventos e projetos da cidade, baseada no código da plataforma Mapas Culturais, idealizada pelo Ministério da Cultura. (SÃO PAULO, 2017).

**Figura 2: Diagnóstico para implementação do Território CEU Novo Mundo**



Fonte: Território CEU Novo Mundo – GESTAOURBANASP

**Figura 3: Mapeamento dos caminhos que os jovens mais fazem na região**



Fonte: Laboratório CEU: Território Novo Mundo – LABMOVE, 2017

Essa experiência prática apresenta definitivamente um uso dos mapas afetivos no planejamento de políticas públicas, no qual o mapeamento das práticas desses moradores a partir da indagação sobre a relação que os mesmos tem com o território de forma ampla, não predeterminada e, principalmente, afetiva, apontando usos reais desses locais, foi determinante para o diagnóstico necessário na construção do projeto como um todo.

Relacionando especificamente outro dado levantado na pesquisa de hábitos culturais dos paulistas, segundo a pesquisa os moradores da Zona Norte são os que têm que se deslocar mais para usufruir de atividades culturais, também mostrando a apontando a

importância de reconhecer os fluxos locais para que não haja a necessidade de grandes deslocamentos nos hábitos culturais já realizados por esse moradores na região (LEIVA, 2014).

Diversas outras análises são possíveis nesse cruzamento de dados, em relação com usos de espaços culturais e sua localização, mas por hora me detenho a esses cruzamentos iniciais para exemplificar a questão.

### **Desafios para o uso dos *mapas afetivos* como indicadores culturais**

Analisando a proposta de mapa afetivo aqui apresentada podemos inicialmente já levantar alguns desafios na utilização desse instrumento como levantamento de indicadores culturais. Paulo Jannuzzi (2001) levanta algumas propriedades desejáveis para a criação de um indicador social, a saber: relevância social, validade, confiabilidade, cobertura, sensibilidade, especificidade, inteligibilidade de sua construção, comunicabilidade, factibilidade para obtenção, periodicidade na atualização, desagregabilidade e historicidade.

Dessa forma, seria necessário que a condução das entrevistas realizadas com o fim da construção do mapa afetivo tivesse questionamentos muito claros quanto ao que se quisesse saber relacionado a esses locais a ser mapeados, questão em que o projeto Laboratório CEU Novo Mundo foi bastante assertivo. Esse ponto também pode ser levantado quanto a inteligibilidade de sua construção, pois é importante que haja transparência da metodologia na construção desse indicador<sup>19</sup>.

Quanto a cobertura de um mapa afetivo, novamente é importante destacar a finalidade do uso do Mapa, no momento de sua construção. Desse fato podemos ressaltar que a regionalização do uso de equipamentos culturais também está conectada com o sentimento de reconhecimento naqueles que frequentam o mesmo espaço, destacando novamente a relevância das preferências estéticas e hábitos culturais nos ritos de identificação social (COULANGEON, 2014). Por isso, abrangências de diferentes coletivos sociais são sempre necessárias, levando em consideração representações de gênero, cor e classes sociais, por exemplo.

Por fim, é importante salientar que, no momento de construção desse indicador, cabe a quem estiver analisando o acompanhamento e direcionamento das informações a serem buscadas nas entrevistas para que sejam apontados dados que possam ser compa-

---

<sup>19</sup> Idem.

rados e cruzados entre os depoimentos. Por fim Jannuzzi (2001, p.30) lembra que os o custo e o tempo para obtenção de um indicador devem ser compatíveis com “as necessidades e usos que se faz do mesmo”, ponto a ser levado em consideração, devido a possíveis tempos longos de análises das entrevistas, por exemplo.

## **Conclusão**

A experiência Laboratório CEU: Território Novo Mundo demonstra ser de fato aplicável o uso dos mapas afetivos na construção de indicadores que orientem a construção de políticas públicas de cultura, a partir do levantamento das práticas culturais de certos grupos de indivíduos. É necessário, na realização desses mapas, se atentar a alguns fatores importantes quanto a construção de um indicador, como a validade, a confiabilidade, a comunicabilidade dos resultados e a inteligibilidade na sua construção, sendo importante a proposição de um padrão de abordagem que possa ser replicado para ampla utilização desses indicadores, de forma que se possa cruzar dados levantados em diferentes regiões. Porém, é também necessário compreender o objetivo dos dados finais levantados e levar em consideração especificidades locais, caso o mapa a ser construído seja voltado a diagnóstico de um local delimitado. Para isso, a propriedade de cobertura do indicador deve ser compatível com o local que será atingido com a política pública a ser planejada. Porque, como apresentado aqui, indicadores qualitativos devem ser usados em relação com indicadores quantitativas, tendo potencial em abrangências de territórios específicos e de grupos que, por vezes, não são representados em pesquisas mais abrangentes. Não é proposta a substituição de um tipo de pesquisa pela outra.

Além disso, não podemos perder de vista a potência de uma construção colaborativa de mapas como esses, devido ao caráter de instrumento para empoderamento da sociedade civil no acompanhamento, controle e direcionamento das atividades do poder público que o acesso a indicadores sociais tem (JANNUZZI, 2001).

Os indicadores apontados na plataforma de acompanhamento das metas do Plano de Cultura às vezes se mostram ineficientes, como o associado à meta 3 do Plano, que prevê a cartografia das expressões culturais realizada em todo o território brasileiro (PLANO, 2017). Nesse caso, os mapas afetivos, por enumerarem hábitos que expressam identidade e historicidade de coletivos ou indivíduos, podem ser eficazes na representação geográfica da diversidade de expressões, difícil de captar com mapas que apenas



elencam pontos como equipamentos culturais, um dos objetivos do Mapas Culturais<sup>20</sup> nacional, o sistema de indicador atual que visa acompanhar o cumprimento da meta.

Por fim, essa pesquisa inicial aponta alguns outros caminhos que podem ser seguidos em pesquisas futuras, além de maior aprofundamento em algumas questões já apresentadas nessa conclusão, para aproveitamento mais efetivo dessas iniciativas. Além de melhor entendimento da construção de um indicador cultural associado a um mapa afetivo, para que ele possa ser de fato utilizado na proposição de políticas públicas em situações diversas e visando a sua replicabilidade para abrangências coerentes e constantes, de modo a evitar seguir o padrão de certas pesquisas de indicadores que, ao não ser realizada novamente depois de algum tempo, perde o caráter de historicidade e não consegue acompanhar possíveis mudanças nos hábitos culturais da população brasileira.

### Referências Bibliográficas

COULANGEON, Philippe. **Sociologia das práticas culturais**. Trad. Constancia Egrejas. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

GESTÃO URBANASP. **Territórios CEU**. Disponível em: <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/rede-de-equipamentos/territorios-ceu/>>. Acesso em 09 mai. 2017.

GESTÃO URBANASP. **Processo**. Disponível em: <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/rede-de-equipamentos/territorios-ceu/processo/>>. Acesso em 09 mai. 2017.

GHEZZI, Daniela Ribas; CATELLI, Rosana Elisa. Indicadores quantitativos, pesquisas sobre hábitos culturais, e políticas públicas de cultura. In: **IV Seminário Internacional – Políticas Culturais**. 16 a 18 de outubro/2013, Setor de Políticas Culturais, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Brasil.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Sistema de Indicadores de Percepção Social – SIPS: Cultura**. Brasília: 2010. 17p.

JANNUZZI, Paulo de Martino. **Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações para formulação e avaliação de políticas públicas, elaboração de estudos socioeconômicos**. Campinas: Alínea, 2001.

---

<sup>20</sup> Projeto de mapeamento nacional, iniciativa do Ministério da Cultura, que deu origem ao SPCultura.

KOSEL, Salete. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais.

In: **Geograficidade**, Niterói, v. 3, n. especial, p.58-70, set./dez., 2013.

LABMOVEL. **Laboratório CEU: território Novo Mundo**. Disponível em:

<[https://issuu.com/gdomschke/docs/laborat\\_\\_rio\\_ceu-\\_\\_territ\\_\\_rio\\_novo\\_](https://issuu.com/gdomschke/docs/laborat__rio_ceu-__territ__rio_novo_)>. Acesso em 09 mai. 2017.

LEIVA, João (org). **Cultura SP: hábitos culturais dos paulistas**. São Paulo: Tuva Editora, 2014.

MAPAS AFETIVOS. **Sobre**. Disponível em: <<http://www.mapasafetivos.com.br/sobre-o-projeto>>. Acesso em 15 abr. 2017.

PLANO NACIONAL DE CULTURA. **Meta 3** – cartografia da diversidade das expressões culturais realizadas em todo o território brasileiro. Disponível em:

<<http://pnc.culturadigital.br/metas/cartografia-da-diversidade-das-expressoes-3-culturais-em-todo-o-territorio-brasileiro-realizada/>>. Acesso em 10 mai. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Indicadores de Referência do Bem-Estar no Município – IRBEM**. Disponível em: <<http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/irbem>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

RIBEIRO, Baixo. Cultura urbana: movimento, inovação e convergência. In: LEIVA, João (org). **Cultura SP: hábitos culturais dos paulistas**. São Paulo: Tuva Editora, 2014.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. **SPCultura**. Disponível em: <<http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/>>. Acesso em 27 abr. 2017.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Públicos de cultura**. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/portal/site/publicosdecultura/pesquisa/>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

VAL, Ana Paula do. Cartografias Afetivas. In: BORDAS, Marie Ange (ed). **Caderno Sesc\_VideoBrasil 09: geografias em movimento**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2013.

VETTORASSI, Andréa. Mapas afetivos: recursos metodológicos baseados na história oral e reflexões sobre identidades espaciais e temporais em estudo sociológico. In: **História e Cultura**, Franca, v.3, n.3, p.155-176, dez. 2014.

WIKIPEDIA. **Transmídia**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Transm%C3%ADdia>>. Acesso em 09 mai. 2017.